

Os Estados Unidos e a Corrida Espacial

MIGUEL DE OLIVEIRA ESTANQUEIRO ROCHA*

A chegada do homem à Lua, em 20 de Julho de 1969, é um daqueles momentos que ficaram para sempre imortalizados no nosso imaginário. Muitos dos que viveram essa data inesquecível não se esqueceram jamais do que fizeram e onde estavam naquele longínquo dia, quando o que parecia impossível se tornava uma conquista épica para o futuro da humanidade. Esta missão lunar representou o culminar dos esforços norte-americanos para ultrapassar os rivais soviéticos na corrida espacial e, destarte, cumprir a promessa feita pelo Presidente John F. Kennedy, em 1961, de que os Estados Unidos seriam a primeira nação a alcançar esse feito, antes do final da década. Não foi só essa promessa presidencial que mobilizou toda uma nação na conquista de uma *nova fronteira* – com grandes investimentos em programas espaciais dispendiosos –, mas também o desejo de certificar para a posteridade esta proeza inolvidável como um triunfo do bloco ocidental face ao modelo comunista em plena Guerra Fria. Este empreendimento mobilizou os recursos financeiros das duas superpotências daquele período – os Estados Unidos (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) –, que encararam a concretização deste “sonho utópico” como um marco na afirmação do seu poder na política internacional.

Não podemos olvidar que a década de 60 foi, provavelmente, a mais tensa da Guerra Fria, com crises dramáticas como as de Berlim, em 1961, e a dos

* CEIS20, Universidade de Coimbra; CeHu, Universidade dos Açores, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2147-1130>. E-mail: miguel.oe.rocha@uac.pt.

Mísseis de Cuba, em 1962, nas quais a humanidade esteve à beira do precipício; talvez só no último momento se evitou a eclosão de um conflito que extingui-ria a espécie humana. Todo este contexto dramático influenciou a decisão de Kennedy de comprometer os recursos nacionais nesta nova frente de rivalidade com Moscovo, tornando portanto a descoberta espacial numa competição feroz entre as duas superpotências. No entanto, é importante relembrar que a *détente* entre os EUA e a URSS, iniciada nos anos 60, também teve desenvolvimentos interessantes no âmbito desta competição, quando chegou a ser mesmo ponderada pelos líderes dos dois países uma missão conjunta à Lua.

Quando a competição se iniciou no dealbar da década de 60, muitos julgavam que a URSS prevaleceria; os seus sucessos espaciais do início dessa década desmentiam o discurso oficial norte-americano de que a URSS estava bastante atrasada em relação aos EUA no domínio tecnológico. Assim, urgia que os EUA vencessem os soviéticos e provassem que continuavam a ser o país tecnologicamente mais desenvolvido no mundo. No entanto, as verbas gastas pelas administrações norte-americanas Kennedy (1961-1963) e Johnson (1963-1969) neste empreendimento depararam-se com críticas de sectores influentes da sociedade norte-americana, que reclamavam uma maior ambição orçamental nos programas sociais. As pressões da NASA para um aumento do investimento chegaram a incomodar os Presidentes John F. Kennedy e Lyndon Baines Johnson, mas nem mesmo assim eles desistiram desse desígnio histórico.

Este artigo está dividido em três momentos: um início, em que farei uma breve contextualização histórica desta competição espacial e dos motivos que “obrigaram” os EUA a avançarem com o seu programa; depois, analisarei os momentos mais emblemáticos desta rivalidade e o empenhamento político das administrações norte-americanas – Kennedy, Johnson e Nixon – na concretização deste “sonho histórico”; por último, concluo com a fase final do programa Apollo 11 (a bem-sucedida alunagem e ulterior aterragem) e o prestígio que tal sucesso trouxe para a notoriedade internacional dos EUA.

O início da corrida espacial

O sonho de exploração espacial vinha desde o século XIX, quando o escritor visionário francês Júlio Verne publicou dois livros – *Da Terra à Lua* (1865) e *À roda da Lua* (1869) – sobre a viagem e o regresso do homem num foguete. Tal como noutras obras, Júlio Verne antevia aquilo que o homem alcançaria posteriormente. Também o russo Konstantin Eduardovich Tsiolkovsky (1867-1935), que granjeou uma enorme influência nas origens do programa espacial

soviético, publicou *Exploration of the Universe with Rocket Propelled Vehicles* (1903, num periódico de São Petersburgo, onde abordava a exploração do universo e defendia que seria possível ao homem voar em altitudes muito elevadas e mesmo transportar-se para o espaço sideral através de foguetes de combustível líquido (Siddiqi 2000, 1)). Embora menos conhecidos no Ocidente, não podemos esquecer as contribuições relevantes de Yuri Vasilievich Kondratyuk (1897-1942) – nascido com o nome Aleksandr Ignatyevich Shargei – e de Fridrikh Arturovich Tsander (1887-1933). Tais conclusões visionárias inspirariam ulteriormente uma geração de cientistas soviéticos, do qual se destaca Sergey Kolorev, o grande responsável pelo programa espacial soviético até à sua morte, em 1966. A turbulência política vivida na Rússia, a ascensão dos bolcheviques ao poder e a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1922 influenciariam os avanços e recuos destes estudos embrionários; mesmo Kolorev sofreu com as purgas de Estaline, tendo até sido preso, apesar de não ter recuperado totalmente de um acidente que levava à sua hospitalização (Siddiqi 2000, 11). O recrutamento de cientistas alemães depois da II Guerra Mundial pelos EUA e a URSS criou as condições para que ambos tivessem as condições para liderar a exploração do universo; por exemplo, o contributo do cientista alemão Wernher von Braun para o sucesso do programa espacial norte-americano é uma prova da valia que os cientistas alemães imprimiram a este empreendimento histórico.

Se, na década de 50, predominava a ideia do avanço tecnológico ocidental face aos países do bloco comunista, os soviéticos necessitavam dum gesto audaz que demonstrasse o grande desenvolvimento tecnológico que os seus líderes propagavam nos discursos oficiais; em 1957, completaram com sucesso o lançamento do primeiro míssil balístico intercontinental, mas o grande choque para o bloco ocidental surgiu com a entrada em órbita do primeiro satélite artificial soviético, o Sputnik, em 1957. Este grande evento captou o imaginário mundial e colocou desde logo um enorme dilema ao *establishment* norte-americano: não se podia continuar a assumir que os EUA ainda não tinham rival no domínio da capacidade tecnológica (Freedman 2000, 25). Os soviéticos voltaram a surpreender o mundo quando enviaram a cadela Laika para o espaço – primeiro animal a entrar em órbita; apesar do sucesso, a morte da cadela ensombrou, de certo modo, mais um manifesto avanço soviético neste domínio; algo teria de ser feito para que os EUA não ficassem para trás. Em 1958, foi aprovado pelo Congresso a criação da NASA (National Aeronautics and Space Administration), uma agência civil responsável pela coordenação das actividades espaciais norte-americanas; é de salientar o papel fundamental que o

então Senador Lyndon Baines Johnson – futuro Vice-Presidente e Presidente dos Estados Unidos – teve nessa aprovação legislativa (Dallek 1998, 84).

Todavia, a administração Eisenhower enfrentava críticas crescentes à sua inação neste campo e aumentavam as pressões para políticas mais duras que evitassem o “domínio vermelho”; esta competição colocava ainda, segundo Theodore Sorensen, assessor do Presidente John F. Kennedy, dificuldades adicionais aos EUA:

It was a difficult competition for the United States; our competitor could advance in secret, largely uninhibited by press criticism, public opinion, legislative priorities, or constitutional and budget limitations. Increasingly, Russian space launches contrasted sharply with highly publicized American failures, as one rocket after another fizzled and failed on the launching pad during Eisenhower years. The possibility of the Soviet Union's military occupation of space was a nightmare for the West. (Sorensen 2008, 333)

Outras consequências havia sobre o prestígio externo dos Estados Unidos: se os soviéticos estavam à frente dos norte-americanos na corrida espacial, como derrotá-los na batalha pela simpatia dos países do Terceiro Mundo? Esta superioridade tecnológica podia convencer esses Estados a olharem mais para Moscovo do que para Washington, na procura de ajuda e de apoio para enfrentar os seus atrasos económicos (Matthews 1997, 121). Esta aparente superioridade soviética foi também motivo de um vivo debate – o *Kitchen Debate*, como ficou conhecido – entre o então Vice-Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, e o líder soviético, Nikita Khrushchev, em 24 de Julho de 1959: num momento de troca de impressões sobre as vantagens dos respectivos modelos económico-políticos, Nixon argumentou: “There may be some instances where you may be ahead of us in the thrust of your rockets. There may be instances where we are ahead of you – in color television” (Matthews 1996, 125); o líder comunista respondeu: “No, in rockets, we’ve passed you by, and in technology [...]”¹. Esta apatia da administração Eisenhower seria explorada, com sucesso, pelos democratas, nas eleições presidenciais de 1960: o atraso norte-americano na competição espacial tornava óbvio que o país precisava de uma nova liderança (Sorensen 2008, 334).

1 “The Nixon Collection”, *Central Intelligence Agency's Freedom of Information Act Electronic Reading Room*, consultado a 26 de Fevereiro de 2020, <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/1959-07-24.pdf>.

As eleições presidenciais de 1960 originaram uma alternância de poder nos EUA: após oito anos estáveis da presidência Eisenhower, os norte-americanos elegeram John F. Kennedy Presidente e Lyndon Baines Johnson Vice-Presidente. Kennedy tornava-se no mais jovem candidato a ser eleito para a Casa Branca, aos 43 anos (Theodore Roosevelt assumira a Presidência aos 42 anos, mas tal se devera ao assassinato de William McKinley, em 1901), e o primeiro católico a ascender à presidência. Os democratas venceram por apenas 120 mil votos populares, mas a eleição foi mais confortável no Colégio Eleitoral – factor decisivo nas eleições presidenciais norte-americanas (303 Grandes Eleitores do lado dos democratas, 219 dos republicanos). Esta ascensão prometia uma nova abordagem da futura administração aos problemas económico-sociais dos EUA e uma mobilização do país para os grandes desafios da década de 60. Kennedy concorrera nas eleições com a promessa de uma *New Frontier*, de grandes desafios e oportunidades, e um dos seus *slogans* eleitorais era “*Get this country moving again*” (Sorensen 2008, 334).

As administrações Kennedy e Johnson e a corrida espacial

A breve administração Kennedy (1961-1963) deixou uma marca indelével na política norte-americana e nas relações internacionais, assinalando para sempre uma geração que ficou marcada pelo seu carisma, juventude, dinamismo político, e pela promessa de um futuro melhor – traída com a tragédia do seu assassinato, em Dallas. Durante os seus míticos 1030 dias na Casa Branca, Kennedy confrontou-se com as crises provavelmente mais graves da Guerra Fria – a Crise de Berlim, em 1961, e a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962 –, em que as duas superpotências estiveram à beira da eclosão de um conflito nuclear. Apesar dos momentos dramáticos vividos, o Presidente americano e o líder soviético evitaram o holocausto nuclear e o mundo pôde respirar de alívio. Seria também durante o último ano da presidência de Kennedy que se viraria uma página na confrontação entre os dois poderes mundiais e se dariam os primeiros passos para um degelo nas relações entre Washington e Moscovo – por exemplo, com a assinatura do Tratado de Interdição Parcial de Ensaios Nucleares, em 1963 –, que seria continuada durante a Presidência de Lyndon Baines Johnson (1963-1969), atingindo o seu auge durante a Presidência do republicano Richard Milhous Nixon (1969-1974). Foi neste contexto internacional de graves tensões e de desanuviamiento que os norte-americanos se aventuraram na corrida espacial.

O ano de 1961 agravou as já delicadas relações entre o bloco ocidental e o comunista, pois continuavam as divergências sobre o estatuto de Berlim.

Kennedy efectuou uma viagem à Europa Ocidental, em Maio e Junho de 1961, para encontros com os líderes francês e britânico e para uma cimeira com o líder soviético em Viena: as conversações com Khrushchev não permitiram chegar a um acordo que desanuviasse as tensões na Europa. Além disso, Fidel Castro consolidava o seu poder em Cuba, aproximando-se da URSS, e os EUA confrontavam-se com a situação insólita de lidarem com um regime comunista hostil muito próximo da costa norte-americana.

O fiasco da operação Baía dos Porcos (Abril de 1961) chamuscou o prestígio do novo inquilino da Casa Branca e a vitória das forças castristas colocou em causa a reputação norte-americana. Aproveitando este contexto delicado da diplomacia norte-americana, os soviéticos voltaram a surpreender o mundo ao anunciarem (12 de Abril de 1961) que Iuri Gagarin se tornara no primeiro homem a viajar pelo espaço e a entrar em órbita. Esta façanha refulgia a superioridade tecnológica soviética. O Presidente Kennedy enviou as felicitações a Nikita Khrushchev (Sorensen 2008, 334) pelo feito alcançado, mas desde logo percebeu que os EUA não poderiam permanecer impávidos face ao seu maior adversário no cenário internacional.

O triunfo soviético na corrida espacial seria catastrófico para os interesses estratégicos norte-americanos no auge da Guerra Fria. Deste modo, Kennedy questionou o Vice-Presidente Lyndon Johnson sobre qual a capacidade que os EUA teriam para competir com a URSS:

Do we have a chance of beating the Soviets by putting a laboratory in space, or by a trip around the moon, or by a rocket to go to the moon and back with a man? Is there any other space program, which promises dramatic results, in which we could win? Are we working 24 hours a day on existing programs? If not, why not? [...] I would appreciate a report on this at the earliest possible moment. (Dallek 2013, 178)

O Presidente sabia que podia esperar do seu Vice-Presidente um endosso deste programa, pois ele fora o arquitecto, enquanto Senador Federal, da aprovação legislativa da criação da NASA pelo Congresso e também se distinguira pela crítica à inacção da Administração Eisenhower neste domínio: o espaço era a nova fronteira a conquistar. Num discurso no “Senate Democratic Caucus”, em 7 de Janeiro de 1958, o então Senador Johnson dramatizara a urgência nacional de competir com a União Soviética neste domínio:

Control of space means control of the world [...] From space the masters of infinity would have the power to control earth's weather, to cause drought and flood, to change the tides and raise the levels of the sea, to divert the gulf stream and change temperate climates to frigid [...]. There is something more important than the ultimate weapon. That is the ultimate position – the position of total control over earth that lies somewhere in outer space [...] and if there is this ultimate position, then our national goal and the goal of all free men must be to win and hold that position. (Goodwin 1991, 145)

Por isso, no relatório enviado ao Presidente, Johnson defendeu a urgência de um grande esforço nacional para ultrapassar a URSS, caso os EUA desejassem ganhar “control over minds through space accomplishments” (Dallek 2003, 393); segundo ele, este controle “would determine which system of society [would] dominate in the future [...] In the eyes of the world, first in space means first, period; second in space is second in everything” (Dallek 2003, 393). Por isso, os eventuais custos financeiros elevados de tal empreendimento não deveriam inibir a Administração de se envolver nesta corrida (Dallek 2003, 393-394). Destarte, Johnson partilhava uma visão apocalíptica dos efeitos negativos que uma vitória soviética teria para o futuro da Guerra Fria.

O Secretário de Estado Dean Rusk e o da Defesa Robert McNamara aquiesceram a este apelo do Vice-Presidente, por considerarem estar em causa os interesses estratégicos nacionais; por seu turno, o Presidente Kennedy, embora não acreditasse na teoria de que o desfecho da corrida espacial determinaria a evolução da Guerra Fria, considerava que uma vitória norte-americana traria prestígio para a sua administração e para os Estados Unidos na batalha pela conquista de “corações dentro e fora do país” (Dallek 2013, 179). O envio do primeiro chimpanzé, Ham, ao espaço, em 31 de Janeiro de 1961, fora um sucesso; posteriormente, a viagem bem-sucedida do primeiro astronauta americano, Alan Shepard, ao espaço, em 5 de Maio de 1961, representou mais um êxito de que os EUA tanto necessitavam, precisamente no momento em que a administração Kennedy assumia a corrida espacial como prioridade estratégica.

Porém, o Presidente Kennedy preconizou, numa primeira fase, que não se devia transpor para a Guerra Fria a exploração do universo e que seria benéfico uma cooperação entre as duas superpotências, tendo proferido discursos públicos a apelar a uma colaboração conjunta (Clarke 2013, 102). Os soviéticos não responderam às propostas norte-americanas (Brogan 1996, 116) e os apelos presidenciais saíram gorados. Mas o sucesso soviético com a

entrada de Yuri Gagarin em órbita representou um segundo choque – depois do Sputnik – para a sociedade norte-americana, alterando os propósitos da Casa Branca. O Secretário da Defesa, Robert MacNamara, e o administrador da NASA, Jim Webb, propuseram, num relatório, todo um programa nacional com o escopo de enviar o homem à Lua antes dos soviéticos (Clarke 2013, 102-103). Assim, em 25 de Maio de 1961, num segundo discurso do Estado da Nação, o Presidente Kennedy avançou com propostas audazes nesta área; tal arrojo presidencial surpreendeu a opinião pública, e Kennedy alertou os seus concidadãos para a relevância deste empreendimento:

If we are to win the battle that now is going on between freedom and tyranny, the dramatic achievements in space which have occurred in recent weeks should have made clear to all of us, as did the Sputnik in 1957, the impact of this adventure on the minds everywhere, who are attempting to make a determination of which road they should take [...]. Now it is the time [...] for this nation to take a clearly leading role in space achievement, which in many ways hold the key to our future on earth. (Dallek 2013, 179-180)

Para Kennedy tornava-se urgente um maior comprometimento do país para com o referido programa; deste modo, propôs ao Congresso que:

[...] this nation should commit itself to achieving the goal, before this decade is out, of landing a man on the moon and returning him safely to the earth. No single space project in this period will be more impressive to mankind, or more important for the long-range exploration of space; and none will be so difficult or expensive to accomplish. We propose to accelerate the development of the appropriate lunar space craft. We propose to develop alternate liquid and solid fuel boosters, much larger than any now being developed, until certain which is superior. We propose additional funds for other engine development and for unmanned explorations – explorations which are particularly important for one purpose which this nation will never overlook: the survival of the man who first makes this daring flight. But in a very real sense, it will not be one man going to the moon – if we make this judgment affirmatively, it will be an entire nation. For all of us must work to put him there.²

2 “May 25, 1961: The Goal of Sending a Man to the Moon”, *Miller Center*, consultado a 19 de Setembro de 2020, <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/may-25-1961-goal-sending-man-moon>.

A imposição do final da década de 60 como data-limite foi, segundo Theorodore Sorensen, incluída pelo próprio Presidente, que pretendia exercer uma maior pressão sobre a NASA (Sorensen 2008, 337). As propostas de Kennedy foram aprovadas pelo Congresso: apesar dos elevados custos financeiros que este programa acarretava, o apelo presidencial convenceu os legisladores de que era tempo de os EUA se aventurarem nesta exploração e de que o interesse nacional interpelava o país a não permitir que os soviéticos legassem à posteridade o feito de serem a primeira nação a concretizar uma missão lunar bem-sucedida. Segundo Dan Fenn, assessor do Presidente, estas implicações geopolíticas da Guerra Fria influenciaram a decisão de Kennedy de se envolver na exploração do universo, pelo que lhe confessou: “If we’re going to spend a billion dollars, I’d rather spend it looking for a cure for cancer. But given the competition with the Soviets, that’s what I care about and that’s why I want to do this” (Sabato 2013, 87).

Estas preocupações presidenciais tinham a sua razão: um inquérito mundial realizado pela USIA (United States Information Agency) em diversos países, em 1963, mostrava que uma grande parte da opinião pública mundial considerava que os soviéticos estavam na dianteira da exploração espacial: no Japão, 69% consideravam que a URSS liderava e apenas 6% consideravam que os americanos estavam à frente; no Reino Unido, 59% propendiam para os soviéticos e 13% para os norte-americanos; em França, 68% declararam-se a favor dos soviéticos e 5% dos americanos; mesmo em Estados sul-americanos como o Brasil, a Venezuela e a Argentina, apenas entre 10% e 18% achavam que os Estados Unidos venceriam esta competição frenética (Dallek 2003, 653).

Em 20 de Fevereiro de 1962, John Glenn foi o primeiro norte-americano a orbitar a terra, tornando o astronauta num herói nacional: era o sucesso de que a Administração necessitava, à semelhança do de Alan Shepard, para aprofundar o sentimento patriótico dos norte-americanos (Sorensen 2008, 338), num momento em que começavam a surgir diversas críticas sobre o custo elevado do programa Apollo e dúvidas sobre os benefícios para os EUA deste empreendimento. Numa conferência de imprensa, em 7 de Junho de 1962, o Presidente Kennedy respondeu aos críticos do programa espacial, reafirmando o compromisso da sua administração com o êxito deste programa emblemático, garantindo que não desviaria fundos do programa espacial:

I do not think the United States can afford to become second in space because I think that space has too many implications military, politically, psychological, and all the rest... I think that Soviet Union was... first in space in the fifties had

a tremendous impact upon a good many people who were attempting to make a determination as to whether they could meet their economic problems without engaging in a Marxism form of government, I think that then United States cannot permit the Soviet Union to become dominant in the sea of space. (Dallek 2003, 651)

De facto, o “espaço” representava para Kennedy o “novo oceano”. Como afirmou aos estudantes da Universidade de Rice, em 1962: “We set sail on this new idea because there is knowledge to be gained, and new rights to be won and used for the progress of all people” (Clark 2013, 103). Contudo, tal entusiasmo presidencial não era partilhado por sectores relevantes da opinião pública norte-americana, e os republicanos censuravam a Casa Branca pelo facto de o projecto lunar se basear mais no prestígio e na imagem externa do país que no controlo militar; e o ex-Presidente Eisenhower afirmou mesmo que gastar 40 biliões de dólares para levar o homem à Lua “was just nuts” (Dallek 2003, 652-653). As críticas não se limitavam a estes sectores: mesmo os liberais temiam que os financiamentos do programa Apollo pudessem colocar em causa os programas sociais existentes (Dallek 2003, 652). Confrontado com estas críticas, o Presidente replicou que os cortes nesses financiamentos não implicariam verbas adicionais para a educação ou habitação (Dallek 2003, 653), como exigiam os críticos.

Todavia, a defesa intransigente do programa espacial não impedia o Presidente de considerar rumos alternativos: depois do sucesso do voo espacial de John Glenn, Kennedy acreditou ainda ser possível uma reconciliação entre as duas superpotências neste domínio (Brogan 1996, 116), avançando ambos com uma expedição conjunta. Num discurso na Assembleia-Geral da ONU, em 20 de Setembro de 1963, propôs a Moscovo o seguinte:

Finally, a field where the United States and the Soviet Union have a special capacity – in the field of space – there is room for new cooperation, for further joint efforts in the regulation and exploration of space. I have included among these possibilities a joint expedition to the moon. Why, should man’s flight to the moon be a matter of national competition? Why should the United States and the Soviet Union... become involved an immense duplication of research, construction and expenditure? (Clark 2013, 182)

Estes apelos presidenciais visavam convencer Moscovo a desistir da competição espacial. Entretanto, os soviéticos tinham alcançado mais um sucesso

com o envio ao espaço da primeira mulher cosmonauta soviética, Valentina Tereshkova, em 1963. Uma missão conjunta seria um marco inolvidável na história mundial, mas os soviéticos não tinham ainda definido uma posição coerente nesta área; as declarações de Khrushchev oscilavam entre a afirmação de que o país não planeava entrar, naquele momento, nesse empreendimento, e posteriormente a declaração a jornalistas de que não excluía uma missão lunar. Apenas em 1964 os soviéticos declararam a sua intenção de competir com os Estados Unidos (Dallek 2003, 654).

O assassinato trágico do Presidente Kennedy em 22 de Novembro de 1963 originou a ascensão de Lyndon Johnson à Casa Branca. Durante a sua carreira política, o novel Presidente destacou-se como um dos grandes proponentes e entusiastas do programa espacial norte-americano. No seu primeiro discurso no Congresso, homenageou o seu antecessor, garantindo a continuidade das políticas:

He lives on in the mind and memories of mankind. He lives in the hearts of his countrymen. No words are sad enough to express our sense of loss. No words are enough to express our determination to continue the forward thrust of America that he began [...]. The dream of conquering... space – the dream of partnership across The Atlantic – and the Pacific as well – the dream of a Peace Corps... the dream of education for all of our children [...] now the ideas and the ideals that he so nobly represented must and will translated into effective action [...]. (Caro 2013, 430)

Assim, num país em estado de choque, o Presidente garantiu a uma nação ansiosa que a nova Administração seria fiel às propostas legislativas de Kennedy e aos seus projectos legislativos mais emblemáticos. Johnson reafirmou numa conferência de imprensa a continuidade do programa espacial e a sua adesão ao objectivo de enviar um homem à Lua antes do final da década (Sorensen 2008, 338-339).

Em Janeiro de 1964, Johnson assegurou ao Congresso:

Our plan to place a man on the moon in this decade remains unchanged [...]. It is an ambitious and important goal. In addition to providing great scientific benefits, it will demonstrate that our capability in space is second to no other nation [...]. We cannot reach this goal without sufficient funds. There is no second-class ticket to space. (Dallek 1998, 418)

Deste modo, propôs o aumento dos fundos para o programa Apollo. Se o Presidente ainda estabeleceu diligências para chegar a um acordo com os soviéticos que permitisse uma colaboração entre as duas nações, logo nos primeiros meses do seu mandato perdeu o entusiasmo por essa *joint-venture* (Dallek 1998, 418-419). Os EUA prosseguiriam a exploração do espaço, mas as condicionantes geopolíticas da Guerra Fria não eram agora as que determinavam a continuidade desse grande esforço: os benefícios dos investimentos da NASA em estados importantes – Florida, Alabama, Texas, Oklahoma e Califórnia (Dallek 1998, 419) – traziam vantagens políticas ao inquilino da Casa Branca, mas o que mais o entusiasmava era a crença de que esta aventura mobilizaria os seus cidadãos para edificarem um país melhor, como escreveu nas suas memórias:

Space was the platform from which the social revolution of the 1960 was launched. We broke out of far more than the atmosphere with our space program... If we could send a man to the moon, we knew we should be able to send a poor boy to school and to provide medical care for the aged. In hundreds of other forms, the space program had an impact on our lives. (Dallek 1998, 419)

O seu entusiasmo chegou ao ponto de solicitar ao administrador da NASA, James Webb, novos objectivos para os programas pós-Apollo: as primeiras propostas de Webb incluíram o desenvolvimento de estações espaciais, a exploração de planetas próximos e longínquos, à procura de uma eventual vida extraterrestre (Dallek 1998, 419-420). O custo financeiro elevado destes programas assustou Johnson, que preferia ambições mais modestas. O Presidente resistiu a todas estas recomendações, que implicariam o dispêndio de bilhões de dólares, mantendo-se apenas fiel à promessa de Kennedy de levar o Homem à Lua e de o trazer de volta, antes do final da década de 60 (Dallek 1998, 420). Outrossim, Johnson iniciou negociações com a URSS para limitar os efeitos da Guerra Fria na corrida espacial; assim, em 1967, após meses de conversações, americanos e soviéticos assinaram o *Outer Space Treaty*, em que as duas superpotências se comprometeram a não militarizar o espaço e a não colocar armas nucleares em órbita, no espaço sideral ou em corpos celestiais, renunciando ainda a reivindicações de soberania nesses corpos celestiais (Dallek 1998, 421).

No entanto, em 27 de Janeiro de 1967, uma tragédia ocorreu no programa espacial norte-americano: os pilotos Roger B. Chafee, Edward H. White III e Virgil I. Grisson morreram em testes no Cabo Kennedy, devido a um incêndio

que destruiu o módulo do comando da nave Apollo (Dallek 1998, 422). Esta tragédia chocou o país, originando inquirições do Senado à NASA para determinar eventuais responsabilidades da agência (Dallek 1998, 423). Apesar de as audições no Senado Federal terem sido algo desagradáveis para os responsáveis da Agência, o modo franco como esta respondeu, reconhecendo as suas responsabilidades na tragédia, restaurou a confiança na instituição, pelo que o Comité do Senado recomendou a continuidade do programa espacial (Dallek 1998, 423).

Entretanto, prosseguiram os desentendimentos entre James Webb e o Congresso relativamente ao aumento do orçamento para a NASA. A crise orçamental de 1967 obrigou Johnson a cortar verbas para os programas espaciais pós-Apollo, mantendo apenas as do programa Apollo (Dallek 1998, 423). Apesar das pressões de James Webb para um aumento do financiamento da NASA para o ano seguinte, Johnson sugeriu uma redução para o ano fiscal de 1969, originando a demissão do administrador, em Outubro de 1968 (Dallek 1998, 423). Posteriormente, Webb afirmou que a sua demissão se deveu ao desejo de sair antes da realização das missões Apollo 7 e Apollo 8, no final de 1968, evitando assim ter de responder ao Congresso caso alguma tragédia ocorresse novamente nessas missões (Dallek 1998, 423). Os sucessos dessas missões, sobretudo a do Apollo 8 – o primeiro voo tripulado por três astronautas (Jim Lovell, William Anders, Frank Borman), que orbitaram a Lua pela primeira vez (Dezembro de 1968) –, galvanizaram uma nação traumatizada com o ano de 1968, devido aos efeitos da Guerra do Vietname, aos conflitos raciais no país e aos assassinatos traumáticos do Reverendo Martin Luther King, em 4 de Abril de 1968, e do Senador candidato presidencial Robert F. Kennedy, em 4 de Junho de 1968.

O Presidente aproveitou estes feitos para condecorar James Webb com a *Distinguished Medal Service* pelo seu trabalho à frente da NASA. Johnson preparava-se também para abandonar a Casa Branca, em Janeiro de 1969, após a eleição do republicano Richard Nixon, em Novembro do ano anterior. Acabava a sua extraordinária carreira política com um legado doméstico de aprovação das reformas sociais mais significativas do pós-New Deal; além disso, podia e deveria orgulhar-se do seu contributo para o sucesso do programa espacial norte-americano, pois foi durante a sua Administração que os EUA criaram as condições de enviar o homem à Lua, como veio a ocorrer no ano seguinte. Acresce que a morte de Sergei Korolev, em 1966, representou um golpe duro no programa soviético, assim como o falecimento inesperado do herói nacional Yuri Gagarin num acidente num avião militar soviético, em 1968.

Missão Apollo 11: promessa cumprida

A eleição de Richard Nixon para a presidência dos Estados Unidos, em 1968, simbolizou um ponto de viragem na política norte-americana, após oito anos de administrações democratas. Durante a sua longa carreira, Nixon demonstrou ser um político dotado de uma capacidade de sobrevivência invulgar, resistindo a desaires políticos e aos augúrios daqueles que ridicularizavam a sua ambição em chegar à Casa Branca e o tinham como “acabado” para a vida política. Considerado uma das grandes esperanças do Partido Republicano, Nixon fora eleito para a Câmara dos Representantes, em 1946, e para o Senado Federal, em 1950; em 1952, culminando uma ascensão meteórica no *establishment* republicano, foi escolhido por Eisenhower para candidato a Vice-Presidente nas eleições presidenciais desse ano, tendo ocupado este cargo durante os oito anos de administração Eisenhower (1953-1961). A presidência parecia ser o passo seguinte para este político ambicioso, mas as derrotas nas eleições presidenciais de 1960 e o insucesso humilhante nas eleições para Governador da Califórnia, em 1962, colocaram sombras sobre o seu futuro político; no entanto, o seu talento – considerado um animal político incomum entre os políticos da sua geração – permitiu-lhe apresentar-se como candidato credível nas eleições presidenciais de 1968, perante um Partido Democrata fragilizado com as consequências da Guerra do Vietname e com o assassinato de Robert Kennedy – tido, por muitos, como o político mais criativo (Schlesinger 1978, xiii). Nixon apareceu como o candidato que restauraria o prestígio e a ordem na nação, nesse ano traumático para os norte-americanos. A sua vitória em Novembro de 1968 simbolizou um dos grandes *political comebacks* da história presidencial dos Estados Unidos.

Em 20 de Janeiro de 1969, Richard Milhous Nixon tomou posse como 37.º Presidente dos EUA. Como a nova Administração assumia funções num contexto em que o prestígio externo norte-americano se encontrava pelas ruas da amargura, devido à Guerra do Vietname, urgia encontrar uma solução honrosa para este conflito, que criasse as condições para a retirada das tropas americanas. Essa foi a prioridade do novo Presidente, que tinha ainda outros escopos ambiciosos para a sua política externa, desde a aproximação à China comunista – uma nova estratégia – à melhoria das relações com a URSS; além disso, reafirmar os vínculos transatlânticos era outra prioridade da diplomacia norte-americana, tendo Nixon visitado alguns países europeus – Reino Unido, França, Itália, Alemanha Federal, Bélgica e Vaticano, entre Fevereiro e Março de 1969, naquela que foi a sua primeira deslocação ao estrangeiro. Apesar de a sua carreira política ter sido construída com base num discurso anticomunista,

o novo Presidente desejava prosseguir o degelo nas relações entre os dois blocos político-militares e consolidar a paz no sistema internacional. Nixon alimentava o sonho de grandes feitos na política externa, que lhe garantissem um lugar de relevo na história presidencial norte-americana.

Mas o momento mais “excitante” do primeiro ano da sua presidência seria a missão lunar bem-sucedida da Apollo 11, em Julho de 1969, como o próprio salientou nas suas “memórias” (Nixon 1980, 429). O sucesso da missão Apollo 8, em Dezembro de 1968, tinha criado as condições para o envio da missão lunar em 1969; deste modo, a expedição Apollo 11 foi lançada para o espaço a 16 de Julho de 1969; a cerimónia contou com a presença de diversas personalidades políticas, entre as quais Lyndon Johnson, convidado por Nixon (Matthews 1996, 278), para além de muito público presente no Cabo Kennedy, no Estado da Florida. Quando o foguete fez alunagem no dia 20 de Julho de 1969 e Armstrong se tornou o primeiro homem a pisar a Lua, o mundo seguiu maravilhado, pela televisão, a concretização deste empreendimento, até aí só sonhado! Quem viveu esse acontecimento histórico jamais esqueceu a famosa citação de Neil Armstrong: “One step for men but a giant one for mankind” –, assim condensando numa simples frase as emoções e sentimentos suscitados por esta viagem incomum.

O Presidente estava obviamente orgulhoso com a concretização desta proeza para a posteridade, que marcava ainda o seu primeiro ano de presidência. Como afirmou aos astronautas, num contacto telefónico, no Oval Office – o primeiro com a Lua, “Because of what you have done, the heavens have become a part of man’s world. And as you talk from the Sea of Tranquillity, it inspires us to redouble our efforts to bring peace and tranquillity to earth” (Nixon 1980, 430). Como seria de esperar, esteve na cerimónia de recepção aos astronautas e o êxito foi propagandeado pelo país, que tinha mais um motivo de orgulho nacional; todavia, esta proeza alcançada garantia igualmente a John F. Kennedy, o maior rival político de Nixon, um lugar marcante na história do seu país e da exploração do universo. Por isso, o jornal *New York Times* chegou mesmo a criticar o Presidente por reclamar os créditos de um programa que fora definido por Kennedy, declarando que o inquilino da Casa Branca desejava “Nixoning the Moon” (Matthews 1996, 279). Todavia, documentos publicados recentemente mostram-nos como a Administração norte-americana se preparou para todos os cenários possíveis da Missão Apollo 11, incluindo um desfecho trágico; estaria previsto um discurso do Presidente à nação, do qual salientamos este pequeno excerto, que, felizmente, nunca chegou a ser lido:

Fate has ordained that the men who went to the moon to explore in peace will stay on the moon to rest in peace. These brave men, Neil Armstrong and Edwin Aldrin, know that there is no hope for their recovery. But they also know that there is hope for mankind in their sacrifice [...].

In ancient days, men looked at stars and saw their heroes in the constellations. In modern times, we do much the same, but our heroes are epic men of flesh and blood. – Others will follow, and surely find their way home. Man's search will not be denied. But these men were the first, and they will remain the foremost in our hearts.

For every human being who looks up at the moon in the nights to come will know that there is some corner of another world that is forever mankind.³

O prestígio externo norte-americano atingia o auge com a proeza da alunagem em 1969 e os EUA venciam a competição espacial, legando a proeza para a posteridade como triunfo dos valores ocidentais, num período histórico de tensões internacionais. Houve entretanto mais missões espaciais, entre as quais destacamos a da Apollo 13, em 1970, que quase originou uma tragédia, mas que terminou com o regresso dos astronautas sãos e salvos à Terra. Todo este cenário dramático foi aliás transposto para a literatura, a televisão e o cinema – destacando-se o filme *Apollo 13*, em 1995, que contou com actores como Tom Hanks, Gary Sinise, etc. A aventura espacial continuaria durante as décadas seguintes e os EUA mantiveram-se interessados na exploração do Universo, mas sem a grande ambição que empolgara o país durante a década de 60; parecia que, de certo modo, estava cumprida a sua missão histórica, pois novos projectos, como ir a Marte, obrigariam a maiores investimentos que as administrações norte-americanas, o Congresso e a opinião pública não admitiriam no futuro. O desastre do vaivém Challenger, em 1986, significou outro momento dramático da exploração do espaço: o Presidente Ronald Reagan proferiu, nesse mesmo dia, um discurso histórico a uma nação ainda em estado de choque, homenageando os astronautas falecidos, mas reafirmando que a melhor homenagem que o país podia prestar às vítimas seria a continuidade do projecto espacial; deste modo, prosseguiram as viagens espaciais e também o debate sobre as futuras ambições que os países devem assumir na exploração do espaço.

3 “In Event of Moon Disaster”, *National Archives*, consultado a 19 de Setembro de 2020, <https://www.archives.gov/presidential-libraries/events/centennials/nixon/exhibit/nixon-online-exhibit-disaster.html>.

Bibliografia

- CALIFANO, Joseph Jr. 2015. *The Triumph & Tragedy of Lyndon Johnson: The White House Years*. New York: Atria Books, Reussie Edition.
- CARO, Robert A. 1990. *The Years of Lyndon Johnson: Means of Ascent*. New York: Alfred A. Knof.
- _____. 2013. *The Years of Lyndon Johnson: The Passage of Power*. New York: Vintage Books.
- CLARK, Thurston. 2008. *The Last Campaign, Robert F. Kennedy and 82 Days that Inspired America*. New York: Holt Paperbacks.
- _____. 2013. *JFK's Last Hundred Days, An Intimate Portrait of a Great President*. New York: Penguin Books.
- DALLEK, Robert. 1998. *Flawed Giant: Lyndon Johnson and His Times 1961-1973*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- _____. 2003. *John F. Kennedy, an Unfinished Life 1917-1963*. London: Penguin Books.
- _____. 2013. *Camelot's Court: Inside the Kennedy White House*. New York: Harper Collins Publishers.
- FARRELL, John A. 2017. *Richard Nixon, the Life*. New York: Scribe.
- FREEDMAN, Lawrence. 2000. *Kennedy's Wars, Berlin, Cuba, Laos, Vietnam*. New York: Oxford University Press.
- GITLIN, Todd. 1987. *Sixties, Years of Hope, Days of Rage*. New York: A Bantam Trade Paperback.
- GOODWIN, Doris Kearns. 1991. *Lyndon Johnson and the American Dream*. New York: St. Martin's Griffin.
- JOHNSON, Lyndon Baines. 1971. *The Vantage Point: The Perspectives of the Presidency*. New York: Holt Reinhart and Winston.
- KENNEDY, Edward M. 2009. *A Memoir, Edward M. Kennedy, True Compass*. London: Little Brown.
- KETCHAM, Ralph. 1990. *James Madison: A biography*. Charlottesville and London: Virginia University Press.
- LITWAK, Robert S. 1986. *Détente and the Nixon Doctrine: American Foreign Policy and the Pursuit of Stability, 1969-1976*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATTHEWS, Chris. 1996. *Kennedy and Nixon, the Rivalry that Shaped Postwar America*. New York: Touchstone.
- _____. 2017. *Bobby Kennedy – A Raging Spirit*. New York: Simon & Schuster.
- NIXON, Richard. 1993. *Leaders*. New York: Warner Books.
- _____. 1990. *RN: The Memoirs of Richard Nixon*. New York: A. Touchstone Book.
- SABATO, Larry J. 2013. *The Kennedy Half Century: The Presidency, Assassination and Lasting Legacy of John F. Kennedy*. Bloomsbury: New York.

- SCHLESINGER, Artur M. 1965. *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House*. London: Andre Deutsch.
- _____. 1978. *Robert Kennedy and his Times*. London: Andre Deutsch.
- _____. 2002. *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House*. New York: Black Dog & Levanthal Publishers.
- SIDEY, Hugh. 1964. *Kennedy Presidente*. Barcelona: Editorial Juventud.
- SIDDIQI, Asif A. 2000. *Challenge to Apollo: The Soviet Union and the Space Race 1945-1974*. Washington: NASA History Division.
- SHEOL, Jeff. 1997. *Mutual Contempt, Lyndon Johnson, Robert Kennedy, and the Feud that Defined a Decade*. New York, London: W.W Norton & Company.
- SORENSEN, Theodore C. 1965. *Kennedy*. Lisboa: Aster.
- _____. 2008. *Counselor; A Life at the Edge of History*. New York: Harper Publications.
- TALBOT, David. 2008. *A História Oculta dos Anos Kennedy*. Lisboa: Casa das Letras.
- TYE, Larry. 2016. *Bobby Kennedy, the Making of a Liberal Icon*. New York: Random House.
- ZEITZ, Joshua. 2018. *Building the Great Society: Inside Lyndon Johnson's White House*. New York: Viking Books.